



Universidade de Brasília
Instituto de Ciências Humanas
Departamento de História

“A GRANDE SUBSTITUIÇÃO”: a anatomia de uma mentira
The Great Replacement: the anatomy of a lie

Johnathan Simon Barbosa

Brasília
2021



Instituto de Ciências Humanas

Departamento de História

Orientador: Prof. Dr. Luiz César de Sá

Aluno: Johnathan Simon Barbosa - matrícula 17/0146766

“A GRANDE SUBSTITUIÇÃO”: a anatomia de uma mentira
The Great Replacement: the anatomy of a lie

Trabalho de conclusão de Curso apresentado ao Departamento de História do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília como requisito parcial para a obtenção do grau de licenciado/bacharel em História.

Brasília, 2021

“A GRANDE SUBSTITUIÇÃO”: a anatomia de uma mentira¹

The Great Replacement: the anatomy of a lie

Resumo: Este artigo propõe uma reflexão sobre o uso da história para a legitimação de falsos discursos, a partir da análise de manifestos recentes de extrema-direita — em especial o manifesto “A Grande Substituição”, redigido e publicado pelo terrorista ecofascista Brenton Tarrant, em março de 2019. Nosso intuito é problematizar questões relativas às estratégias discursivas utilizadas — que buscam fomentar o ódio e desencadear ações terroristas de grupos de extrema-direita — a partir da análise tipológica desses documentos e da desconstrução de falácias chave que se retroalimentam de inconsistências históricas. O argumento está centrado na ideia de que, a partir do cruzamento de diversas temporalidades, os autores desses manifestos justificam seus atos e ideias pelo empilhamento de acontecimentos, a fim de confundir o debate público e cooptar novos seguidores mediante uma narrativa negacionista. Elucidar a lógica de construção desses documentos é o primeiro passo para inseri-los no debate historiográfico, ampliando as frentes de combate a essas narrativas.

PALAVRAS-CHAVE: A Grande Substituição; negacionismo histórico; extrema-direita;

Abstract: This article proposes to reflect on the use of history for the legitimation of false discourses, from the analysis of recent manifestos of the far-right – in particular the manifesto “The Great Replacement”, written and published by ecofascist terrorist Brenton Tarrant in March 2019. Our intent is to problematize issues regarding the discursive strategies used — which seek to foment hatred and trigger terrorist action by far-right groups — from the typological analysis of these documents and the deconstruction of key fallacies that feedback on historical inconsistencies. The argument is centered on the idea that, from the crossing of several temporalities, the authors of these manifestos justify their acts and ideas from a stacking of events, in order to confuse the public debate and co-opt new followers from a negationist narrative. Explaining the logic behind the construction of these documents is the first step to insert them into the historiographical debate, expanding the fronts of combat against these narratives.

KEY WORDS: The Great Replacement; historical negationism; far-right;

¹ Gostaria de registrar sinceros agradecimentos aos integrantes da banca avaliadora, Daniel Gomes de Carvalho e Jonas Wilson Pergoraro, que dedicaram tempo e disposição à leitura e apreciação deste artigo; ao professor Luiz César de Sá, pela orientação, por toda a sua atenção e preciosa orientação, sempre respeitando as limitações da minha realidade; a todos os meus professores da UnB e, anteriormente, do UniCEUB; e à minha mãe, Debora, que sempre me incentivou, viabilizou e insistiu na minha jornada acadêmica, mesmo nos momentos em que eu mesmo havia desistido.

Os avanços da extrema-direita na internet, um prelúdio

Em 15 março de 2019, ocorreu o evento que ficou marcado como “O Atentado de Christchurch”. O atentado foi perpetrado por Brenton Tarrant, um militante de extrema-direita, que abriu fogo contra muçulmanos que frequentavam a mesquita de Al Noor e o Centro Islâmico Linwood, ambas na cidade de Christchurch, na Nova Zelândia. O ataque terrorista resultou em 51 mortos e 49 feridos, e foi transmitido ao vivo pela rede social Facebook.²

Brenton Tarrant, à época com 29 anos, foi preso em flagrante e, aproximadamente um ano após o ocorrido, condenado à prisão perpétua. Para além do atentado, Tarrant deixou um legado escrito: um manifesto de 74 páginas, disponibilizado na internet um dia antes do acontecimento, no blog *4chan*. Em “A Grande Substituição”³, o terrorista discorre sobre suas motivações para o ataque, sobre sua história, suas convicções sobre o mundo e suas previsões fatalistas acerca de um suposto Genocídio Branco que estaria em curso (TARRANT, 2019, p. 4).

O que nos convida à reflexão é o contexto em que o Manifesto está inserido. Tarrant agiu inspirado e influenciado por algumas figuras, como o filósofo francês Renaud Camus e o terrorista cristão norueguês Anders Behring Breivik. Camus cunhou o conceito que dá nome ao manifesto (A Grande Substituição), referindo-se a um suposto processo de substituição étnica que estaria em curso na Europa — em especial, na França, operada pelos povos muçulmanos.⁴ Breivik, por sua vez, foi responsável pela morte de 77 pessoas, no atentado ocorrido em 22 de julho de 2011, na Noruega.⁵

Breivik publicou na internet um manifesto de 1515 páginas intitulado “2083: Uma declaração europeia de independência”. Em seus escritos, ele discorre sobre suas crenças, que atravessam o conservadorismo cultural radical, ultranacionalismo, islamofobia, homofobia, racismo e antifeminismo.⁶ Numa tentativa de defender o cristianismo moderno, Breivik ataca, em especial, o marxismo cultural e o Islã. E a influência do pensamento de Breivik nas ações de Tarrant

² REGAN, Helen. *Christchurch mosques shooting: 49 killed in New Zealand attacks*. CNN, 15 mar. 2019. Disponível em <<https://cutt.ly/rEFKmVw>>. Acesso em: 21 set. 2021.

³ Os títulos e citações de todos os manifestos foram traduzidos livremente pelo autor, do inglês para o português.

⁴ DUTTER, Thomas. *Le grand remplacement, un virus français*. FRANCE CULTURE, 5 nov. 2019. Disponível em <<https://cutt.ly/4EFJ027>>. Acesso em: 21 set. 2021

⁵ *Noruega lembra dez anos do massacre que abalou o país*. DW, 22 jul. 2021. Disponível em: <<https://cutt.ly/JEFKqOy>>. Acesso em: 21 set. 2021

⁶ BROWN, Andrew. *The myth of Eurabia: how a far-right conspiracy theory went mainstream*. THE GUARDIAN, 16 ago. 2019. Disponível em: <<https://cutt.ly/dEFJn42>>. Acesso em: 21 set. 2021

são mais que especulações: Breivik teria “dado benção” aos ataques de Tarrant alguns meses antes do atentado de Christchurch (TARRANT, 2019, p. 18).

A influência dos atos terroristas e da divulgação dos manifestos na internet tem deixado sequelas reais, a ponto de autoridades antiterroristas considerarem essas ondas de ataque como um desafio transnacional.⁷ O manifesto de Tarrant já influenciou ao menos mais dois atentados terroristas de extrema-direita: o tiroteio na Sinagoga de Poway, perpetrado por John Earnest em 27 de abril de 2019⁸, e o tiroteio em El Paso, perpetrado por Patrick Crusius, em 3 de agosto de 2019.⁹ Ambos os terroristas também publicaram, na internet, escritos de teor semelhante aos manifestos supracitados.

Mas afinal: qual a importância desses escritos para a extrema-direita? Que tipo de estratégias discursivas os terroristas lançam mão para cooptar novos adeptos? Quais são os argumentos que embasam as narrativas construídas por eles? Para além da importância da internet nessa rápida disseminação do ódio, como o discurso negacionista consegue impactar, significativamente, cada vez mais pessoas? Quais elementos persuadem o leitor a crer nos absurdos disseminados pelos autores?

Através desse artigo, vamos buscar explicar a lógica que articula alguns desses manifestos, com o objetivo principal de fornecer ferramentas epistemológicas que viabilizem o estudo desses acontecimentos. Se bem-sucedidos nessa empreitada, conseguiremos inserir esses documentos em um quadro de análise que comporte temporalidades mais longínquas, remediando a curta temporalidade dos documentos e ampliando as frentes de combate ao legado de desinformação deixado pelos atores.

A estrutura tipológica dos manifestos

O manifesto e os massacres, juntos, compõem um quadro de finalidade perversamente pedagógica. O massacre de Tarrant, por exemplo, foi reproduzido ao vivo pelo Facebook, e a

⁷ SCATES, Jack. *Right-Wing Extremist Manifestos Create A Blueprint For Transnational Terrorism*. CARR, 2 Jun. 2021. Disponível em: <<https://cutt.ly/OEFKZjk>>. Acesso em: 21 set. 2021

⁸ KIMBALL, Spencer. *'It was a hate crime': One dead, three injured in synagogue shooting in San Diego area*. CNBC, 27 abr. 2019. Disponível em: <<https://cutt.ly/9EFK1ls>>. Acesso em: 21 set. 2021

⁹ *Texas Walmart shooting: El Paso gun attack leaves 20 dead*. BBC NEWS, 4 ago. 2019. Disponível em: <<https://cutt.ly/KEFK7rG>>. Acesso em: 21 set. 2021

finalidade dessa reprodução foi muito além de causar choque: Tarrant buscava *gamificar* a ação terrorista, como num jogo de tiro em primeira pessoa, em que cada alvo foi pontuado num placar.

Os manifestos, por sua vez, também fazem parte dessa pedagogia do terror. E todos eles possuem uma estrutura tipológica semelhante. Segundo Belloto, a característica tipológica de um manifesto é:

Documento não-diplomático informativo. Declaração pública das razões que justificam um ato, utilizada por autoridades para explicações diante da sociedade. É também a exposição de motivos levada a público, dele se valendo os idealizadores de algum projeto, sociedade ou atividades para captar seus adeptos (BELLOTO, 2002, p. 73).

Para persuadir outros a aderirem às suas ideias, uma declaração pública de intenção é elementar. Em “2083: Uma declaração europeia de independência”, Breivik justifica não apenas os ataques propriamente ditos, mas o próprio manifesto em si, realçando a importância documental de seus escritos:

Como todos sabemos, a raiz dos problemas da Europa é a falta de auto-confiança cultural (nacionalismo). A maioria das pessoas continua aterrorizada com as doutrinas políticas nacionalistas, pensando que, se voltarmos a abraçar estes princípios, surgirão subitamente novos “Hitlers” e iniciaremos o Armagedom global. [...] Este medo irracional das doutrinas nacionalistas está a nos impedir de parar o nosso próprio suicídio nacional/ cultural, uma vez que a colonização islâmica está aumentando todos os anos. Este livro apresenta as únicas soluções para os nossos problemas atuais (BREIVIK, 2011, p. 12).

Se, por um lado, o Manifesto de Breivik apresenta uma estrutura complexa de organização e exposição, o Manifesto de Tarrant é organizado de maneira mais objetiva e sucinta, e suas motivações são explicadas em uma seção organizada em um formato de FAQ (*Frequently Asked Questions*). Em “A Grande Substituição”, dentre as várias respostas possíveis à questão “por que você cometeu esses ataques”, a principal é:

Acima de tudo, mostrar aos invasores que as nossas terras nunca serão as suas terras, as nossas pátrias são as nossas próprias e que, enquanto um homem branco ainda viver, NUNCA conquistarão as nossas terras e nunca substituirão o nosso povo (TARRANT, 2019, p. 5).

Os invasores a quem Tarrant se refere são todos aqueles “não-brancos”, isto é, “todos aqueles que não são etnicamente e culturalmente europeus” (TARRANT, 2019, p. 17).

Na sequência, temos a Carta aberta de John Earnest¹⁰, em que sua resposta à possíveis interpelações acerca de suas motivações é:

Que valor tem a minha vida em comparação com a totalidade da raça europeia? Vale a pena para mim [sic] viver uma vida confortável à custa de judeus internacionais que selam a perdição da minha raça? Não. Não venderei a minha alma sentando-me à medida que o mal cresce. Preferia morrer em glória ou passar o resto da minha vida na prisão a desperdiçar-me sabendo que não fiz nada para deter este mal. [...] Eu morreria mil vezes para evitar o destino condenado que os judeus planejaram para a minha raça (EARNEST, 2019, p. 1).

Por fim, em “A Verdade Inconveniente sobre mim”, Patrick Crusius igualmente justifica seus atos já no primeiro parágrafo:

Em geral, apoio o atirador de Christchurch e o seu manifesto. Este ataque é uma resposta à invasão hispânica do Texas. Eles são os instigadores, não eu. Estou simplesmente defendendo o meu país da substituição cultural e étnica provocada por uma invasão. Algumas pessoas pensarão que esta afirmação é hipócrita devido à destruição étnica e cultural quase completa trazida aos nativos americanos pelos nossos antepassados europeus, mas isto apenas reforça o meu ponto de vista. Os nativos não levaram a sério a invasão dos europeus, e agora o que resta é apenas uma sombra do que era. Os meus motivos para este ataque não são de todo pessoais. Na verdade, a comunidade hispânica não era o meu alvo antes de eu ler *The Great Replacement* (CRUSIUS, 2019, p. 1).

Nota-se que os “inimigos” de cada um dos terroristas não são necessariamente os mesmos. Contudo, objetivamente falando, todas as suas ideias se interseccionam através do discurso, escancarando a sobreposição de temporalidades que serão analisadas adiante.

A dimensão pseudo-pedagógica dos manifestos

O CARR (Centre of Analysis of the Radical Right), “centro de investigação e de divulgação pedagógica focado no estudo e combate ao extremismo de direita radical e fenômenos de intersecção”¹¹, mapeou esses manifestos e atos terroristas nos últimos anos. A constatação do CARR é de que essas “obras técnicas” buscam produzir uma “Ciência do Terror”, refletindo o crescimento do que seria a “quinta onda” do terrorismo transnacional.

¹⁰ A estrutura tipológica de um manifesto é idêntica à de uma carta aberta (BELLOTO, 2002, p. 55).

¹¹ *About us*. Centre for Analysis of the Radical Right (CARR). Disponível em: <<https://cutt.ly/UEFZxly>>. Acesso em: 21 set. 2021

Segundo o pesquisador norueguês Graham Macklin, esses manifestos escritos por “terroristas de direita que atuam sozinhos” (tradução livre de *right-wing-terrorist lone actors* – RWLA) se encontram em 3 pontos de intersecção: i. a provisão de uma justificativa ideológica; ii. um “apelo às armas” (encorajamento à violência); e iii. lições táticas e instruções para terceiros.¹² São essas intersecções que contribuem pro teor aparentemente pedagógico dessas “obras técnicas”, e tornam sua veiculação potencialmente perigosa em vários níveis.

Como apontado em trechos anteriores, a justificativa ideológica é elemento fundamental nesses documentos, e, entre todas as justificativas, é possível identificar os fatores “raça, imigração e religião”, bem como elementos conspiratórios. No Manifesto de Tarrant, esse elemento é a ideia de uma Grande Substituição orquestrada e operacionalizada por uma elite não-branca; no de Breivik, é a dita Teoria Eurábica (construída a partir de centenas de postagens em um site anti-islâmico, o Gates of Vienna), doutrina que versa sobre uma suposta tentativa de destruição da civilização Europeia a partir de uma conivência dos governos europeus com os crimes islâmicos em seus territórios.¹³

Para além da construção ideológica em si, existem elementos textuais que contribuem para o caráter apelativo do Manifesto. Seus autores utilizam da repetição para inculcar suas ideias em quem se propõe a ler. Breivik utiliza o termo “Eurabia” 171 vezes em seu Manifesto, enquanto Tarrant utiliza o termo “grande substituição” 46 vezes, sempre se colocando como um ator reagente às “invasões islâmicas”. Essas repetições não são constatadas nos outros 2 documentos devido à sua curta extensão, mas há referências a Tarrant expressas tanto no Manifesto de Earnest quanto no de Cruzius:

Aos meus irmãos de sangue. Certifica-te de que o meu sacrifício não foi em vão. Difundam esta carta, façam memes, shitpost, lutem de volta, lembrem-se de Robert Bowers, lembrem-se de Brenton Tarrant, filtrem o D&C religioso, e filtrem os esquizos [sic] que inevitavelmente chamarão a isto uma ‘bandeira falsa’ (EARNEST, 2019, p. 3).

No que tange o segundo ponto de intersecção, o encorajamento da violência é uma das intenções expressas de Tarrant, cujo impacto já pode ser imediatamente mensurado pelos 2 ataques seguintes. Ainda que não tenha deixado estritamente definido os alvos de violência aos quais se

¹² SCATES, Jack. *Right-Wing Extremist Manifestos Create A Blueprint For Transnational Terrorism*. CARR, 2 Jun. 2021. Disponível em: <<https://cutt.ly/OEFKZjk>>. Acesso em: 21 set. 2021

¹³ BROWN, Andrew. *The myth of Eurabia: how a far-right conspiracy theory went mainstream*. THE GUARDIAN, 16 ago. 2019. Disponível em: <<https://cutt.ly/dEFJn42>>. Acesso em: 21 set. 2021

referia, o enquadramento sobre a imigração islâmica construído por Tarrant “foi o suficiente para interagir com os preconceitos anti-latinos de Crusius e força-lo a agir”¹⁴.

Por fim, acerca do terceiro ponto de intersecção, a existência de lições táticas e instruções para terceiros se faz presente em todos os manifestos. O Manifesto de Breivik possui instruções detalhadas de como planejar operações de terrorismo, bem como uma seção com categorias de “traidores”.

Munições (administração de cliques) - Munição de espingarda de assalto: 1 bala de penetração de blindagem, 1 bala de projétil (razão 1/1); Munição de arma de fogo: 1 bala de penetração de blindagem, 1 bala de projétil (razão 1/1). É provável que você enfrente agentes blindados (armadura semelhante à sua), portanto sua arma primária deve ter munições de penetração de armadura. O chumbo ou outros projéteis de liga fraca não serão ideais. Será muito difícil adquirir algum deste equipamento, mas consulte o capítulo de logística para conselhos específicos (BREIVIK, 2011, p. 861).

De maneira semelhante, Tarrant escreve uma seção intitulada “Mate inimigos de alto perfil”, em que lista pretensos “traidores” que “se acham intocáveis”.

Merkel, a mãe de todas as coisas anti-brancas e anti-germânicas, está no topo da lista. (...) Erdogan, o líder de um dos mais antigos inimigos do nosso povo, e líder da maior organização islâmica dentro da Europa (...) Sadiq Khan, o atual prefeito de Londres no momento em que escrevo, um símbolo explícito da privação de direitos e substituição étnica do povo britânico nas ilhas britânicas (...) MATEM ANGELA MERKEL, MATEM ERDOGAN, MATEM SADIQ KHAN (TARRANT, 2019, p. 39).

Dos pontos de intersecção mencionados, aquele que mais nos interessa é o primeiro. Pois é a partir da justificativa ideológica desses atores que será possível flagrar falsificações do passado e que, ao contrário do que acreditam as autoridades, pode se revelar o ponto de intersecção mais pernicioso entre esses documentos.

Isso porque, para além dos fóruns online de extrema-direita, teorias da conspiração com a ideia da “Grande Substituição” têm ganhado espaço na mídia e na política.

Em abril de 2021, o proeminente apresentador e comentarista da Fox News, Tucker Carlson, disse ao vivo que o Partido Democrata estaria a “tentar substituir o eleitorado” por “novas

¹⁴ SCATES, Jack. *Right-Wing Extremist Manifestos Create A Blueprint For Transnational Terrorism*. CARR, 2 Jun. 2021. Disponível em: <<https://cutt.ly/OEFKZjk>>. Acesso em: 21 set. 2021

peessoas, eleitores mais obedientes do Terceiro Mundo”¹⁵. Alguns políticos têm acenado para esses discursos, a exemplo, recentemente, dos congressistas Matt Gaetz e Brian Babin.¹⁶

Não há nenhuma novidade na existência de narrativas como a Grande Substituição. O que chama a atenção é precisamente a força que esses discursos têm conquistado. E essa força vem, necessariamente, de uma pseudocientificidade. O *core* dessas teorias conspiracionistas é uma fundamentação que, diferentemente das teorias eugenistas tradicionais, não tem na Biologia a sua maior fonte de vitalidade; elas encontraram na História o seu maior potencial persuasivo, o que possibilitou sua irradiação para diversas esferas sociais.

A prática negacionista de Tarrant

Ao afirmar que os manifestos são construídos por um discurso negacionista, assumimos que seus atores negam algo, a saber, a verdade. E essa negação não se dá de forma inocente, como se formaria qualquer outra ideia ou concepção acerca da história. A negação desses discursos é construída intencionalmente, com o objetivo de, no mínimo, confundir o debate público — e, durante essa confusão, estabelecer algumas raízes no solo fértil da dúvida.

A despeito da intencionalidade dos autores e, daqui para a frente, mais especificamente a de Tarrant, é preciso entender a articulação do documento.

Para além dos absurdos presentes ao longo de todo o manifesto, podemos deduzir pelo discurso de Tarrant que ele não foi construído de modo a autorizar debates. Em uma seção destinada a “Antifas/Marxistas/Comunistas”, ele escreve:

Não quero convertê-lo, não quero chegar a um entendimento. Os igualitários e aqueles que acreditam em ‘hierarquia’ nunca chegarão a um acordo. Não os quero do meu lado, tampouco quero partilhar o poder. Quero vocês na minha mira. Quero o teu pescoço debaixo da minha bota. TE VEJO NAS RUAS, ANTI-BRANCOS DESGRAÇADOS (TARRANT, 2019, p. 27).

Identificar essa predisposição comunicativa é o primeiro passo para podermos lidar com a fonte de maneira efetivamente crítica. Isso porque, a partir desse comportamento, podemos utilizar procedimentos de análise que nos possibilitam neutralizar a justificativa ideológica — e, portanto, reduzir a força persuasiva do manifesto. E “uma das primeiras regras do conjunto de procedimentos

¹⁵ SKOLNIK, Jon. *How the "great replacement" theory went from Charlottesville to the GOP mainstream*. SALOM, 29 set. 2021. Disponível em: <<https://cutt.ly/NEGwdpO>>. Acesso em: 21 set. 21

¹⁶ Ibid.

de combate aos detratores da verdade”, segundo Vidal-Naquet, é “a impossibilidade do debate” (VIDAL-NAQUET apud CARDOSO, 2021, p. 94).

Isso significa que a postura adotada por Tarrant é deliberadamente mentirosa, e o mero confronto de ideias não desestabiliza o esquema conceitual construído. Isso porque “temos uma mentira que se apresenta com as roupas da verdade” (VIDAL-NAQUET apud CARDOSO, 2021, p. 94), pois se apropria de instituições e símbolos já consolidados, como a ideia de “tradição”, “nacionalismo” e “força”. Ele afirma que “a diversidade não é um ponto forte. Unidade, propósito, confiança, tradições, nacionalismo e nacionalismo racial é o que dá força. Tudo o resto é apenas uma frase de engate” (TARRANT, 2019, p. 33).

A “força”, em especial, é um elemento que merece a nossa atenção, pois Tarrant não a enxerga apenas como um símbolo: ele a enxerga como o próprio motor da História.

P: A violência não é a resposta, porque usar a força? R: Não há nação no mundo que não tenha sido fundada pelo uso da força, ou mantida pelo uso da força. Força é poder. A história é a história do poder. A violência é poder e a violência é a realidade da história. Acorde (TARRANT, 2019, p. 21).

E essa forma de enxergar a história aponta para uma inconsistência substancial na sua justificativa ideológica.

P: O ataque foi "islamofóbico? R: As nações islâmicas em particular têm elevadas taxas de natalidade, independentemente da raça ou etnia, e nisto houve uma motivação anti-islâmica para os ataques, bem como um desejo de vingança contra o islamismo pelos 1300 anos de guerra e devastação que trouxe aos povos do Ocidente e a outros povos do mundo (TARRANT, 2019, p. 13).

Numa operação flagrante de falseamento, Tarrant busca inverter a lógica de acontecimento dos eventos, culpabilizando integralmente os povos muçulmanos por “1300 anos de guerra e devastação que trouxe aos povos do Ocidente e a outros povos do mundo”. Ele exercita um mecanismo recorrentemente utilizado por “detratores da verdade”, que consiste em mobilizar um saber “ilusório e aparente” (VIDAL-NAQUET apud CARDOSO, 2021, p. 96) para construir uma “pirâmide de certezas” que visa a exercer “um efeito político mais do que cognitivo” (MBEMBE apud AVILA, 2021, p. 165).

Se não há predisposição ao diálogo e flagramos uma tentativa patente de distorção intencional dos fatos — e, portanto, de um falseamento da história —, um dos procedimentos possíveis de utilização da história para o combate às narrativas negacionistas é aquilo que Vidal-Naquet denominou “anatomia da mentira”.

Esse modelo procedimental acarreta lidar com pressupostos metodológicos bastante complexos, pois “na busca pela mentira, os historiadores se veem obrigados a ingressar em zonas imprecisas, reguladas por critérios estranhos, como a persuasão e a retórica” (VIDAL-NAQUET apud CARDOSO, 2021, p. 102-103). Essa necessidade está intimamente interligada ao fato de prática negacionista, na contemporaneidade, ser regida por uma tentativa de a mentira destruir a verdade.

Os negacionismos contemporâneos agem principalmente através de silêncios, mistificações, ocultamentos e minimizações que se dão no âmbito narrativo, para além do empírico, que visam subtrair determinados passados de nossos presentes, tornando-os insubstanciais, e impor significados unívocos à nossa história (AVILA, 2021, 163-164).

Portanto, para fazer um estudo anatômico da mentira, o historiador precisa de provas. E essas provas, segundo Vidal-Naquet, são procedimentalmente construídas em três passos:

Trata-se de, em primeiro lugar, criticar o tratamento negacionista em relação às provas da história; em uma segunda etapa, refutar os indícios ou os procedimentos negacionistas adotados como comprovação das suas teses ilusórias; e, por fim, reafirmar e reassegurar os métodos e as provas já consolidadas no trabalho historiográfico (VIDAL-NAQUET apud CARDOSO, 2021, p. 96).

A anatomia da mentira da Grande Substituição

A operação procedimental deflagrada por Tarrant consiste na sobreposição de acontecimentos regidos por diferentes regimes de temporalidade. Esses regimes de temporalidade não são analisados historicamente, mas sim empilhados de maneira a formar um escopo que possibilite a existência da narrativa negacionista.

Esse escopo se apresenta ao longo de todo o manifesto. Um dos exemplos possíveis é a passagem em que Tarrant justifica suas ações como peça fundamental para a manutenção dos ecossistemas do planeta:

P: Por que concentrar-se na imigração e nas taxas de natalidade quando as alterações climáticas são uma questão tão importante? R: Porque são a mesma questão, o ambiente está a ser destruído por excesso de população, nós, europeus, somos um dos grupos que não estão a sobrepopoar o mundo. Os invasores são os que estão a sobrepopoar o mundo. Matar os invasores, matar a superpopulação e, ao fazê-lo, salvar o ambiente (TARRANT, 2019, p. 22).

Tarrant se autodenomina um eco-facista, e, para justificar seu posicionamento nessa operação discursiva, empilha um acontecimento processual (a mudança do clima) com um acontecimento superficial (imigrações de povos “invasores”), reiterando sua prática de omissão de representações para construir verdades pretensamente inequívocas.

Outro acontecimento que sedimenta o discurso de Tarrant é justamente sua noção de história, anteriormente citada, de que a “força” é o motor dos acontecimentos. Esse acontecimento ganha forma na própria noção de civilização, calcada em uma ideia fixa de masculinidade que, por sua vez, é sobreposta ao acontecimento processual do processo de substituição étnica aludido por ele:

Quem é verdadeiramente o culpado (pela Grande Substituição)? As pessoas que são mais culpadas somos nós próprios, homens europeus. Homens fortes não são etnicamente substituídos, homens fortes não permitem que a sua cultura se degrade, homens fortes não permitem que o seu povo morra. Os homens fracos criaram esta situação e são necessários homens fortes para a corrigi-la (TARRANT, 2019, p. 30).

Essa noção de masculinidade mobiliza vários outros conceitos fundantes do escopo argumentativo de Tarrant, que tem muito bem delimitado aquilo que considera aceitável ou não. Partindo de um “negacionismo inocente”, que parte da tentativa de criar um acontecimento processual baseado em sua experiência empírica para justificar moralmente seus atos (CHARNY apud VALIM, 2021, p. 17). Em determinado momento do manifesto, acerca da indagação sobre algum motivo específico que o teria levado a cometer o massacre, Tarrant escreve:

O primeiro evento que iniciou a mudança foi o ataque terrorista em Estocolmo, no dia 7 de abril de 2017. Foi outro ataque terrorista nos ataques aparentemente intermináveis que ocorreram regularmente ao longo da minha vida adulta. Mas, por alguma razão, isto foi diferente. (...) [eu] já não podia voltar as costas à violência. Alguma coisa, desta vez, foi diferente. Essa diferença era Ebba Akerlund. Ebba jovem, inocente e morta (TARRANT, 2019, p. 7).

Ebba Akerlund, uma menina sueca de 11 anos, fora assassinada em 2011 por um imigrante jihadista.¹⁷ O acontecimento é tão relevante na narrativa de Tarrant que ele utiliza o estupro como ferramenta retórica para a construção da figura do invasor. Em uma seção intitulada “O estupro de mulheres europeias”, ele lista um compilado de páginas da Wikipedia em que constariam casos públicos de estupros cometidos por muçulmanos.

¹⁷ Autor de ataque a mesquitas queria vingar menina sueca vítima de jihadistas. GHZ, 15 mar. 2019. Disponível em: <<https://cutt.ly/wEGKoOh>>. Acesso em: 23 set. 21

O verdadeiro número destes acontecimentos perpetrados em todo o mundo ocidental é desconhecido e certamente subestimado, uma vez que tanto o Estado, como os meios de comunicação social e o sistema judicial trabalham em uníssono para esconder estas atrocidades, no receio de que o conhecimento destes acontecimentos enfureça os povos nativos do Ocidente e prejudique a percepção da nossa nova "utopia multicultural" (TARRANT, 2019, p. 32).

Aqui, é possível identificar mais uma operação discursiva que pode ser considerada lugar comum em práticas negacionistas: a existência de entes invisíveis que ocultam as verdades que sustentam suas teses. As ideias conspiracionistas dão suporte à ideia de que é necessário “agir”, uma vez que colocam a suposta Substituição étnica como resultado de uma ação conjunta de entidades que, deliberadamente, permitem que ela ocorra por razões políticas.

Milhões de pessoas a atravessar as nossas fronteiras, legalmente. Convidados pelo Estado e pelas entidades empresariais a substituir os Brancos que não conseguiram reproduzir-se, não conseguiram criar a mão-de-obra barata, novos consumidores e a base fiscal de que as empresas e os Estados necessitam para prosperar (TARRANT, 2019, p. 3).

A síntese da própria noção da Grande Substituição, enfim, é fruto de uma sobreposição temporal impossível, em que Tarrant sobrepõe o suposto processo de substituição em curso desde 1945 à atuação de forças políticas que carecem de evidências acerca de sua real existência.

Chegamos aqui a uma questão central para a discussão, que é a própria noção de *acontecimento*. Tarrant operacionaliza seu discurso a partir do falseamento da história, e utiliza o empilhamento de acontecimentos para executar esse processo. Mas para compreender os equívocos conceituais de Tarrant, é necessário debater em linhas gerais aquilo que, na História e na Filosofia, se entende por acontecimento.

O acontecimento

Tomemos como ponto de partida aquilo que Žižek denominou “os três acontecimentos da psicanálise”, referindo-se aos conceitos lacanianos de real, simbólico e imaginário.

O acontecimento real é aquele que “só pode ser discernido em seus vestígios, efeitos e consequências” (ŽIZEK, 2017, p. 112). Ele só ocorre através de um encontro traumático com a Coisa, a partir de uma “transubstanciação”.

O acontecimento simbólico seria operacionalizado por um “outro invisível, que estrutura nossas experiências da realidade, a complexa rede de regras e significados que nos faz ver o que

vemos da maneira como o vemos” (ZIZEK, 2017, p. 112). Essa categoria de acontecimento ocorre, portanto, quando há uma mudança nessa estrutura que possibilitaria a construção de uma nova realidade social, própria a quem testemunha o acontecimento. Essa operação cria um novo passado, mudando o significante-mestre de nossas experiências e tornando o “ainda-não aconteceu” um “sempre-já aconteceu”.

Por fim, o acontecimento imaginário gera a “dessubstanciação” acontecimental, em que há uma preponderância das aparências sobre os fatos.

Todas essas noções de acontecimento carregam uma semelhança: elas próprias são fruto de análise. Isso porque a ideia de acontecimento é regida por uma estrutura circular: ela define, retroativamente, suas causas e razões, em uma abordagem não linear da história (ZIZEK, 2017, p. 8). Essa estrutura circular já confronta de forma objetiva a noção progressista de História revelada por Tarrant, cujo motor seria a “força”.

Mais do que isso: a ideia de que seria necessária uma intervenção da força para impedir uma Grande Substituição corrobora uma noção de acontecimento enquanto queda, que contribui para a perda de uma unidade harmônica que nunca existiu (ZIZEK, 2017, p. 55).

Mas a noção de acontecimento levantada por Zizek que mais nos interessa é a heideggeriana, em que o acontecimento é “uma mudança no enquadramento da realidade”. Essa mudança é operacionalizada pelo inconsciente, que Lacan denomina como “um conhecimento simbolicamente articulado ignorado pelo sujeito”. Compreender o acontecimento sob essa ótica nos permite compreender os limites dele, que é o próprio fim do enquadramento.

Esse limite do enquadramento é o ponto de inflexão em que o real se apresenta em sua forma mais viva, e só seria possível chegar a ele através da travessia da fantasia, isto é, aceitando o real e permitindo a emergência de “um horizonte de significado no interior do qual todas as entidades aparecem” (ZIZEK, 2017, p. 34).

Entretanto, a operação epistemológica que orienta o pensamento de Tarrant não passa por esse limite. Pelo contrário: o que Tarrant de fato busca é aquilo que Zizek denomina “desacontecimentalização”, isto é, a anulação retroativa de um acontecimento. Esse processo se dá a partir da normalização e massificação de reprodução de determinados conceitos e ideias.

Quando Tarrant direciona seu ódio aos povos muçulmanos utilizando como justificativa a suposta invasão ao continente europeu, ele normaliza e autoriza toda violência e invasão realizada pelos próprios europeus ao longo da história. Há uma tentativa patente de ocultar os reais motivos

de imigração em massa de muçulmanos para nações europeias, estes sim acontecimentos e historicamente registrados.

Tarrant se orgulha de sua autodenominação ecofascista, e recusa reiteradamente todo e qualquer rótulo político ligado ao conservadorismo, liberalismo ou imperialismo. Mas suas representações históricas estão inerentemente ligadas à história do progresso liberal, em uma relação cômico-conciliatória (RANGEL, 2015, p. 330).

A Grande Substituição, portanto, não se embasa de forma sólida a ponto de se constituir como um acontecimento. Trata-se de uma negação da história, em alinhamento com um “projeto liberal e hegemônico de memória” (VALIM, 2021, p. 20), que busca anular as violências e atrocidades cometidas pelo povo a que ele diz pertencer.

Essa constatação elucida de maneira muito clara os objetivos políticos de apropriação dessas narrativas nos meios institucionais citados anteriormente, que buscam uma “negação implicatória” de seus atos (retomando as características da prática negacionista contemporânea). Essa forma de negação apontada por Stanley Cohen não busca negar o fato em si, mas discutir as implicações morais de determinados acontecimentos para “fazer a coisa certa”.

Em síntese, trata-se de saber se os erros históricos estão relacionados às injustiças ou às desigualdades contemporâneas, se o passado tem uma presença contínua ou obsessiva ou se deveria ser considerado morto e definitivamente enterrado (VALIM, 2021, p. 21).

O fato do conspiracionismo de Tarrant não constituir acontecimento o torna impassível de ser comprovado historicamente. Isso não significa, entretanto, que não deva ser levado a sério. Muito pelo contrário. A rápida disseminação dessas teorias nas redes constitui um dos desafios do combate a essas narrativas na contemporaneidade:

O surgimento de um cenário midiático-digital global facilitou a ampla disseminação da negação do Holocausto e de outras formas de negacionismo histórico. O universo virtual não apenas forneceu espaço para a proliferação das mais odiosas e ultrajantes informações, sob um véu relativo de anonimato e impunidade, como também permitiu que muitas mais pessoas pudessem contribuir com esses negacionismos de uma maneira fácil, simplesmente refazendo ou reunindo pedaços de informações encontradas no espaço virtual (HASSAN apud VALIM, 2021, p. 18).

Contudo, essa constatação nos permite invalidar sua operação discursiva, demonstrando que o mero empilhamento de fragmentos retirados da internet não constitui uma prática analítica, científica e verificável.

Considerações finais

O empreendimento de realizar, nos limites exíguos de um artigo, uma anatomia da mentira contada por Tarrant — e, como, verificado pela análise tipológica, instrumentalizado igualmente por outros terroristas de extrema-direita — constitui exercício fundamental do historiador. Todos os documentos aqui analisados constituem um *corpus* muito recente e difuso. Esse *corpus* se coloca como um desafio àqueles que desejam desembaralhar o discurso construído, visto todos os absurdos citados ao longo dos documentos.

Utilizar o aparato de Vidal-Naquet para desmistificar “a mentira pura e simples, o falso, o apelo a uma documentação completamente fantástica” (VIDAL-NAQUET apud CARDOSO, 2021, p. 96) é uma forma de recuperar a razão fundante da ciência histórica: a busca pela verdade. Não podemos assistir calados à utilização indevida do passado, em busca de justificação ideológica e moral para atos de terrorismo. “É necessário não apenas identificar, mas também vigiar e circunscrever os negacionistas” (VIDAL-NAQUET apud CARDOSO, 2021, p. 94).

A indagação final, portanto, direciona-se à real efetividade desse exercício. Como colocado anteriormente, uma das características desse negacionismo moderno que dificultam o seu combate é, justamente, a impossibilidade de debate. Se não há espaço para interlocução, como o desmantelamento desses discursos se faz útil na prática?

A resposta mais contundente para essa pergunta foi dada por Arthur Lima de Ávila, em seu artigo recente “Qual passado escolher? Uma discussão sobre o negacionismo histórico e o pluralismo historiográfico”:

É evidente que nada do que foi escrito nessas páginas serve como garantia de sucesso nessa luta inglória [contra o negacionismo]. Não mesmo. A historiografia sozinha não pode fazer muita coisa e certamente não substitui, por si só, as lutas cotidianas por verdade, compaixão e justiça. Pesquisa histórica alguma pode, e aqui repito Trouillot (1995, pp. 150), deter a sedução do autoritarismo. O que podemos fazer, contudo, é continuamente combater pelo direito à história (Araújo, 2017, pp. 191-216), subtraído de uma parcela significativa dos indivíduos pelos negacionistas, oferecendo não somente leituras plausíveis do tempo antes de agora, mas também “uma visão do futuro que nos dê esperança, ao invés de permanecer somente no registro da denúncia” (Mouffe, 2018, p. 76). Este combate é uma das principais batalhas de nossos dias. E não podemos, mesmo que quiséssemos, escapar dela, porque tudo aquilo que não fizermos, outros farão e, nos avisa Trouillot (1995, p. 153), enquanto uns debatem sobre o que a história foi ou é, alguns a tomam nas mãos. Que, diante do descalabro do mundo e da santificação do ódio na língua de eruditos, sejamos nós a fazê-lo. Caso nos recusemos, poderá ser tarde demais (AVILA, 2021, p. 178)

Fontes

BREIVIK, Anders Behring. *2083: A European Declaration of Independence*. 2011. Disponível em: <<https://cutt.ly/sRrezhW>>. Acesso em: 21 set. 2021

CRUSIUS, Patrick. *The Inconvenient Truth about Me*. 2019.

Disponível em: <<https://cutt.ly/cRreHNw>>. Acesso em: 21 set. 2021

EARNEST, John. *John Earnest Manifesto: An Open letter*. 2019.

Disponível em: <<https://archive.org/details/john-t-ernest-manifesto-8chan-pol-april-27-2019-an-open-letter>>. Acesso em: 21 set. 2021

TARRANT, Brenton. *The Great Replacement*. 2019

Disponível em: <<https://cutt.ly/9RrrFGi>>. Acesso em: 21 set. 2021

Referências Bibliográficas

AVILA, Arthur Lima de. *Qual passado escolher? Uma discussão sobre o negacionismo histórico e o pluralismo historiográfico*. Revista Brasileira de História [online]. 2021, v. 41, n. 87, pp. 161-184. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1806-93472021v42n87-09>>. Acesso em: 23 set. 21.

BELLOTO, Heloísa Liberalli. *Como fazer, volume 8: Como fazer análise diplomática e análise tipológica de documento de arquivo*. Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: 2002.

CARDOSO, Eduardo Wright. *Em busca da mentira: historiadores contra a falsificação do Holocausto*. Revista Brasileira de História [online]. 2021, v. 41, n. 87, pp. 89-110. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1806-93472021v42n87-06>>. Acesso em 23 set. 2021.

RANGEL, M. de M.; DE ARAUJO, V. L. *Apresentação - Teoria e história da historiografia: do giro linguístico ao giro ético-político*. História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography, Ouro Preto, v. 8, n. 17, 2015. Disponível em:

<<https://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/917>>. Acesso em: 30 set. 2021.

VALIM, Patrícia; AVELAR, Alexandre de Sá; BEVERNAGE, Berber. *Apresentação - Negacionismo: história, historiografia e perspectivas de pesquisa*. Revista Brasileira de História [online]. 2021, v. 41, n. 87, pp. 13-36. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1806-93472021v42n87-03>>. Acesso em: 23 set. 21.

ZIZEK, Slavoj. *O acontecimento: Uma viagem filosófica através de um conceito*. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

Reportagens

About us. Centre for Analysis of the Radical Right (CARR). Disponível em: <<https://cutt.ly/UEFZxIy>>. Acesso em: 21 set. 2021.

Autor de ataque a mesquitas queria vingar menina sueca vítima de jihadistas. GHZ, 15 mar. 2019. Disponível em: <<https://cutt.ly/wEGKoOh>>. Acesso em: 23 set. 21.

Noruega lembra dez anos do massacre que abalou o país. DW, 22 jul. 2021. Disponível em: <<https://cutt.ly/JEFKqQy>>. Acesso em: 21 set. 2021.

Texas Walmart Shooting: El Paso gun attack leaves 20 dead. BBC NEWS, 4 ago. 2019. Disponível em: <<https://cutt.ly/KEFK7rG>>. Acesso em: 21 set. 2021.

BROWN, Andrew. *The myth of Eurabia: how a far-right conspiracy theory went mainstream*. THE GUARDIAN, 16 ago. 2019. Disponível em: <<https://cutt.ly/DEFJn42>>. Acesso em: 21 set. 2021.

DUTTER, Thomas. *Le grand remplacement, un virus français*. FRANCE CULTURE, 5 nov. 2019. Disponível em <<https://cutt.ly/4EFJ027>>. Acesso em: 21 set. 2021.

KIMBALL, Spencer. *'It was a hate crime': One dead, three injured in synagogue shooting in San Diego area*. CNBC, 27 abr. 2019. Disponível em: <<https://cutt.ly/9EFK1ls>>. Acesso em: 21 set. 2021.

REGAN, Helen. *Christchurch mosques shooting: 49 killed in New Zealand attacks*. CNN, 15 mar. 2019. Disponível em <<https://cutt.ly/rEFKmVw>>. Acesso em: 21 set. 2021

SCATES, Jack. *Right-Wing Extremist Manifestos Create A Blueprint For Transnational Terrorism*. CARR, 2 Jun. 2021. Disponível em: <<https://cutt.ly/OEFKZjk>>. Acesso em: 21 set. 2021.

SKOLNIK, Jon. *How the "great replacement" theory went from Charlottesville to the GOP mainstream*. SALOM, 29 set. 2021. Disponível em: <<https://cutt.ly/NEGwdpO>>. Acesso em: 21 set. 21.

DECLARAÇÃO DE AUTENTICIDADE

Eu, Johnathan Simon Barbosa, declaro para todos os efeitos que o trabalho de conclusão de curso intitulado “A Grande Substituição: a anatomia de uma mentira” foi integralmente por mim redigido, e que assinalei devidamente todas as referências a textos, ideias e interpretações de outros autores. Declaro ainda que o trabalho é inédito e que nunca foi apresentado a outro departamento e/ou universidade para fins de obtenção de grau acadêmico, nem foi publicado integralmente em qualquer idioma ou formato.

Assinatura: _____